

LINCOLN SPADA

Adesaf - Associação de Desenvolvimento
Econômico e Social às Famílias

CRACOLÂNDIA TERRITÓRIO DO ABRAÇO

1ª EDIÇÃO

SANTOS

2016



IMAGINÁRIO COLETIVO

Sumário

Introdução.....	19
Prólogo – Retrato Azul.....	21
Parte 1 – Contexto do DBA	29
Capítulo 1 – Pauliceia Desvairada	33
Capítulo 2 – Ponta de Lança	41
Capítulo 3 – Poesia Vária	52
Parte 2 – Início do DBA	59
Capítulo 4 – O Farol	63
Capítulo 5 – O Ritmo Dissoluto	72
Capítulo 6 – Os Operários	87
Parte 3 – Adesaf no DBA	101
Capítulo 7 – Vida Pura	105
Capítulo 8 – Marco Zero: Chão	115
Capítulo 9 – Magnificat	122
Capítulo 10 – A Alegria é a Prova dos Nove	128
Capítulo 11 – O Despertar de São Paulo	137
Capítulo 12 – Carta à Minha Noiva.....	147

Capítulo 13 – O Homem Amarelo	156
Capítulo 14 – Pont Neuf	165
Epílogo – La Rentrée	173
Referências	181
Fotos.....	29, 30, 31, 32, 59, 60, 61, 62, 101, 102, 103, 104

Introdução

Como autor deste livro, durante toda a elaboração dele, recebia o espanto de amigos e conhecidos ao citar sobre o trabalho de visitar o território nacionalmente conhecido como Cracolândia. “Você está louco?”, “Você foi assaltado lá?”, “Como eles se comportam?” eram as típicas frases que escutei em rodas de conversa.

A relevância desta publicação é simples. Trata-se de documentar o trabalho da Associação de Desenvolvimento Econômico e Social às Famílias (Adesaf), junto às falas de gestores públicos, demais profissionais e, principalmente, dos beneficiários do programa De Braços Abertos (DBA), iniciativa inédita de redução de danos e de baixa exigência para toxicodependentes em situação de alto risco em vulnerabilidade social em São Paulo e no Brasil.

Devo esta oportunidade ao amigo Bruno Nunes, assessor de comunicação da Adesaf. Foram imprescindíveis o seu voto de confiança e a parceria para este livro sobre a experiência da Adesaf, entre outubro de 2014 e outubro de 2016, em convênio com a Prefeitura de São Paulo para gerenciar o DBA no âmbito do trabalho.

Esta obra essencialmente só foi possível pela acolhida e pelo incentivo da presidente da Adesaf, Fernanda Gouveia. Leitora voraz e gestora perseverante, seu olhar sensível foi determinante na revisão, ampliação e publicação. Ela compreendeu toda a liberdade criativa e ofertou todo o apoio de sua equipe para a realização do livro.

O convite para a iniciativa ocorreu em julho de 2015, em caráter voluntário. Dessa forma, também é fundamental agradecer a outra voluntária nessa jornada, Bruna Stephanie, quem guiou a sua câmera fotográfica para relatar as experiências no DBA. As nossas visitas ao programa na Capital foram entre julho e setembro de 2015 e de agosto a

setembro de 2016. Assim, a equipe da Adesaf contribuiu com outras imagens sobre a trajetória da organização no DBA.

Este livro foge à regra de uma publicação institucional. Enquanto jornalista, empresto à narrativa o meu olhar de convidado da ONG sobre o programa. Portanto, é difícil precisar o gênero dessa publicação, já que acrescento dezenas de referências – ora acadêmicas, ora jornalísticas – e, principalmente, relatos dos beneficiários da iniciativa paulistana.

Por exemplo, o título reúne conceitos do imaginário popular (Cracolândia), das ciências sociais (território psicotrópico) e das políticas públicas (DBA). Por sua vez, batizo cada capítulo com obras da literatura e das artes plásticas: todas de artistas modernistas ou integrantes da Semana de Arte Moderna de 1922. Entendo que o ímpeto da antiga geração, de repensar a identidade cultural de São Paulo e do Brasil, tem a mesma gana da Prefeitura de Fernando Haddad, que ousou inovar nas políticas públicas sobre drogas na Capital e no País.

O prólogo da narrativa, que inclui um microconto da minha primeira visita ao programa, pincela o cenário da região onde acontece grande parte do DBA. A primeira parte do livro aborda o contexto sócio-histórico na região da Luz, o consumo do crack e seus efeitos, e um panorama geral sobre o olhar da Adesaf no DBA. A etapa seguinte apresenta o início do projeto municipal, com falas de autoridades públicas, pesquisadores e jornalistas.

No terceiro ato, apresento os relatos da equipe da Adesaf e dos beneficiários do programa, a rotina de suas atividades e como o DBA colabora na redução de danos e, também, na reinserção social de centenas de pessoas. Por fim, o epílogo abrange, como uma crônica da minha última visita, perspectivas dos presentes na abertura da exposição *Por Dentro do Abraço*.

Prólogo**Retrato azul¹**

São Paulo, 21 de julho de 2015

“Ele está nesse inferno?”, sussurrou a mulher com um celular nada *touch screen* na mão, que, na tela, mostrava a imagem pouco resolvida de um homem de meia idade, meio apático como em quaisquer retratos de documentos oficiais. A queixa concisa dela consistia num oceano de centenas de ajuntados no trecho da Alameda Dino Bueno, entre a Rua Helvétia e o Largo Coração de Jesus.

O cenário: poucas dezenas de casarios baixos, sendo um edifício de no máximo três andares. Embora a maioria dos endereços fosse residencial, eram visíveis certos portões de aço de enrolar, fechados, típicos de comércios de pequeno e médio porte. Tão camuflados quanto às demais fachadas da via, estas entre grafites e pichações.

Todo esse trecho – tão comum à arquitetura dos grandes centros – destoa pela multidão que por lá preenche cada metro do asfalto e da calçada, próximo das 10 da manhã daquela terça-feira. Como em tantas outras quartas, quintas, sextas... O crack, a pedra maldita que identifica aquele território, é a mesma razão que leva a maioria do mar de anônimos a atravessar dias na clandestinidade.

Na Cracolândia, erguida bem no coração da maior capital da América Latina, os ângulos transmitidos nos telejornais precisam ser escondidos, ter rostos com tarjas, vozes de outros timbres e nomes omitidos. A omissão de certas partes do passado, aliás, é percebida como

¹ *Retrato Azul* é o nome de uma tela de Tarsila do Amaral. Neste prólogo, também se refere à tela do celular da mulher relatada.

regra de ouro para a convivência, e dos vínculos que os usuários estabelecem com os servidores e autoridades públicas, missionários religiosos e ativistas, universitários e, principalmente, repórteres.

Apenas a desconfiança da presença de uma câmera fotográfica ou de um gravador de voz ao redor é capaz de tumultuar os ânimos desta microcidade, já rondada por devoção com viaturas da Guarda Municipal e equipes das secretarias de Saúde e de Assistência e Desenvolvimento Social. O incômodo dos usuários de drogas se deve ao constante ir e vir de acadêmicos e jornalistas que, há décadas, persistem em documentar a trajetória da população local. Por vezes, holofotes sobre pessoas intensificam a humanidade delas.

Mas muitos dos usuários de drogas reclamam de que um jogo de luzes mal cruzado pode potencializar o viés irracional de quem se vicia. Pode sugerir um laboratório a céu aberto, intensificando a interpretação popular de que estão como bichos sem correntes, coleiras ou grades. Parcela daqueles sobreviventes do crack reconhece grades, e intrinsecamente, o uso da droga ilícita, alinhado com a ficha policial, corrobora com a vontade de não estamparem mais e mais capas de tabloides.

Perímetro do crack

A maré contrária em posar para as lentes não é avessa às batidas das rádios. Com o advento e avanço de novas tecnologias, equipamentos eletrônicos repassam pelas mãos dos transeuntes. Rádios de pilha, fones de ouvido, aparelhos de som tocam hits distintos em simultâneo. Naquela ocasião, os romances do axé, a poética do rap e os brados do funk ritmavam em ondas sincronizadas.

Existe quem se deitasse a dois, quem se acobertasse no meio-fio e uma boa parte a circular em saudações e desencontros. Uns de chinelos, tênis e outros poucos de destacáveis sapatos. Os trajes diversificavam em cores, tecidos, cortes e se podia encontrar quem modelava em bermudas, jaquetas compridas e bonés. Bonés são os mais comuns, embora essa falta

de estereótipos comprove que quem passa ou fica na Cracolândia ainda contempla muito mais da sua individualidade do que uma população homogênea.

Na reunião incidental daquela manhã, estigmas e padrões escapam de nossos olhos. O tom de seus pulsos varia de branco, pardo e negro. Algumas mãos mais joviais, algumas marcadas pela meia-idade, outras com as rugas profundas de quem já envelheceu. Mãos masculinas, mãos femininas. E há também homens que dançam como elas, e elas que se sentem como eles. Não vemos crianças. Talvez as poucas características em comum sejam os dedos e as unhas que se encardem no contato com o cachimbo e a droga psicotrópica.

O odor forte não vem do entorpecente, pertence aos seus efeitos que fazem a pessoa desatar aos poucos os laços com a consciência de autopreservação e higiene. Os suores, as sucatas e parte de sobras embaraçam os sentidos à primeira vista. A ponto de consternar a mulher que estava com o telefone na mão, no início deste prólogo. Maria – assim a nomeio – percorre metros até providenciarmos uma cadeira perto de uma tenda municipal instalada na Rua Helvétia.

Esposo desaparecido

Com copo na mão já meio sem água, Maria tende a lembrar em prantos que o crack enterrou seu primogênito, anos antes. A procura desesperada desta vez é pelo seu marido, recentemente liberto da penitenciária. Ela varava sóis a pino para trocar minutos com o esposo aos fins de semana na sala de visita. Submetia-se às costumeiras revistas íntimas no tal centro estadual, desnudando-se para terceiros, os agentes, até poder reencontrar o homem que pagava seu delito com a liberdade.

A saída do seu companheiro da prisão se resumiria no retorno à vida conjugal no litoral sul paulista, na cidade de Itanhaém. Mas o calendário seguia sem notícias do marido, que permaneceu na caótica capital, especificamente naquele entorno. Após uma ligação telefônica, foi com a roupa do corpo, e a camisa de gola molhada pela tensão, que Maria

fez uma jornada de 115 quilômetros para buscar quem ela enxerga como a sua cara-metade.

A melancolia atordoou novamente os olhos e, entre palavras espaçadas, engasgava-se no seu testemunho. Mostrou-me o rosto do seu homem. Maria teclou os números do aparelho do seu marido. Na segunda vez em que digitou o contato, a voz dele respondeu. Ela limpou o rosto quando repetia o endereço para o reencontro. Era a primeira vez que estávamos lá – sequer a conhecíamos minutos antes –, portanto, após a mulher se recompor, seguimos até o destino com um colaborador da Adesaf.

Programa municipal

A Adesaf é a organização não governamental gestora do programa municipal De Braços Abertos (DBA) no âmbito do trabalho. Regulamentado pelo decreto 55.067/2014, o DBA é uma iniciativa pública que visa à promoção e à reabilitação psicossocial de pessoas em situação de vulnerabilidade social e uso abusivo de substâncias psicoativas. É uma ação intersetorial das secretarias municipais de Saúde; de Direitos Humanos e Cidadania; de Assistência e Desenvolvimento Social; de Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo; e de Segurança Urbana, com a sociedade civil organizada.

Criado em janeiro de 2014, o programa de redução de danos com baixa exigência é a principal verve da Administração Municipal para criar uma conversa franca de reinserção social com a população de um microcosmo que crescia em monólogo desde 1989. Um crescimento alardeado por ações de antigas gestões da Prefeitura e do Governo Estadual, e registradas pela imprensa de forma negativa apontando os transtornos em atuações de repressão policial.

O DBA é a primeira experiência no Brasil baseada em alternativas executadas na Holanda e no Canadá que obtiveram êxito em redução de danos e combate às drogas. Em síntese, mais de 450 beneficiários participam do projeto, atuando em diferentes frentes de trabalho e

capacitação profissional, e tendo como contrapartida R\$ 130 semanais (valor à época), além de hospedagem e alimentação.

Esse ineditismo da experiência foi o que me despertou interesse em relatar o convênio celebrado entre a Prefeitura de São Paulo e a Adesaf. Ao lado da fotógrafa Bruna Stephanie, seguimos de carona naquela manhã, antes do encontro com Maria. O carro era dirigido por Rafael Bruder, gerente do DBA pela Adesaf. Era a nossa primeira visita ao programa, em julho de 2015.

Pequenos gestos

O timbre grave e a rouquidão de Rafael, que se agregam a uma voz similar à de Batman ou de qualquer super-herói imaginado nas histórias em quadrinhos, combinam com a altura de 1,80 m e os ombros largos. O porte atlético dele parece acompanhar os variados tons da faixa de jiu-jítsu. Tendo essa arte marcial como ofício anterior, ele se empenha para o desenvolvimento de seus alunos e aprendizes.

Bom de papo, o mestre descreveu os expedientes nos tatames, as consecutivas medalhas e as aulas em uma associação vinculada à Prefeitura de São Vicente, cidade no litoral paulista. Enquanto professor voluntário, com aulas terças e quintas-feiras numa entidade esportiva, ele confessou que, há uns seis anos, um menino golpeou a sua sensibilidade. É que mesmo com uma deficiência física, o garoto se esforçava em cada treinamento.

“A partir daí, o meu principal objetivo na carreira é me sentir útil para as pessoas, sabe?”, declarou ainda dirigindo o automóvel. “Pequenos gestos, palavras, mesmo”, completou. Das frases da Cracolândia, recordou o agradecimento de um pai, porque reencontrara o filho de banho tomado e trabalhando nas ruas do entorno. O banho e a atividade ocorreram devido à inscrição do rapaz no DBA. “Um banho... Ele estava feliz, porque o cara tinha a possibilidade de tomar um banho”, afirmou. Percebe os detalhes?

Na mesma singeleza, Rafael se propôs a guiar Maria pelos caminhos afora da Cracolândia. O esposo não desaparecera naquele fluxo de pessoas – fluxo é um termo comum para a movimentação de usuários de drogas nesse entorno –, estava em pé, à espera, numa praça distanciada. Com passos largos, saímos da tenda de rua.

Ali, além da área coberta, há um centro de atendimento por onde circulam as equipes de assistência social e de saúde. Os primeiros usam coletes verdes, os outros, azuis. Os colaboradores da Adesaf utilizam uniformes vermelhos. Assim, torna-se mais fácil para beneficiários, demais usuários de drogas e até a vizinhança reconhecer os profissionais e solicitar atendimentos.

Vínculos de confiança

Por termos chegado há pouco, somente Rafael usava crachá, o que não distinguia da rotina que cobrava ligações para o grupo espalhado de operadores sociais da Adesaf, sequer de ser interrompido pelas próprias chamadas. “Rafael, Rafael”, acenava uma das beneficiárias que se atrasou no serviço do dia. Um pedia procedimentos para atestar a saúde. Dois se achegaram solicitando a inscrição imediata na frente de trabalho. Nesse caso, a lista de futuros participantes da iniciativa é encaminhada pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social.

Ainda recordo que outra beneficiária correu em nossa direção apenas para nos abraçar. Os pequenos gestos. O gerente do DBA sorriu com a saudação, logo engatilhando a conversa para destrinchar as necessidades da moça: hospedagem, alimentação, andamento do trabalho. Poderia aqui batizar cada um deles que chamaram a atenção do Rafael em pouco menos de 15 minutos, no entanto, o problema é que ele tem melhor memória, chamando pelo nome todos que lhe dirigiam a palavra.

O “vínculo de confiança” é um dos termos que mais escutei, tanto pelos testemunhos dos agentes da Adesaf no DBA, quanto pelas entrevistas com os beneficiários. O relacionamento cordial e estreito entre os dois

lados soa como uma das principais diretrizes para que o programa alcance o sucesso desejado pelo Poder Público naquele ambiente na região da Luz.

Se entendermos que o nome Luz se contrapõe à minha descrição do território meio nebuloso, também parece contraditório ao cenário o nome do bairro onde se localiza a popularmente conhecida Cracolândia: Campos Elíseos. Na mitologia helenística, os gregos se referiam assim ao paraíso ou à terra dos bem-aventurados.

“No mínimo, contraditório aqui se chamar assim, não?”, atentou-me em outra oportunidade Silva (nome fictício ou n.f.), um beneficiário do DBA que ainda filosofaria com outras boas reflexões durante nossas visitas à iniciativa governamental.

Rede de possibilidades

Como já bem dito, este programa intersetorial é vislumbrado em diferentes espaços. Na tenda de rua, por exemplo, os usuários de droga são atraídos pela cobertura estruturada, uma tevê e um display com preservativos. Nele, uma breve pichação: “Gibi, tem alguém que ama você”. Na verdade, o recinto é repleto de ares lúdicos, certos desenhos de grafite e uma tabela de memórias, em que os transeuntes anotam sentenças quase como versos urbanos: “O certo não pode passar por errado”, “Não troco ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém” e “O que você sonhou hoje?”.

São possibilidades e tentativas de aproximar os moradores em situação de rua para que desejem se reinserir na sociedade e se habilitar aos demais serviços públicos oferecidos pela Prefeitura. À frente da tenda, localiza-se o edifício do Recomeço, iniciativa estadual também de apoio a dependentes químicos, voltada ao tratamento de internação. Na esquina mais adiante, outra área do mesmo programa, com uma tenda de rua e demais serviços prestados à população.

Quanto ao DBA, havia mais equipamentos: como o prédio administrativo e outro de capacitação para os participantes, ambos no

Largo Coração de Jesus², além de um galpão para atendimento, manutenção de material de trabalho e atividades recreativas, este na Alameda Barão de Paranapiacaba, no mesmo quadrante. No entanto, nenhum deles pode ser visto no trajeto em que Rafael, Maria, Bruna e eu percorremos naquela primeira terça-feira.

De pontos altos, dois logo são notados, como a torre da Estação Júlio Prestes e o monumento de Cristo de braços abertos no cume do Santuário Sagrado Coração de Jesus, mas ambos distantes do horizonte rumo à Praça Princesa Isabel. Dezenas de metros distantes do fluxo, a nossa caminhada se tornou mais silenciosa entre comércios, bares, pequenos hotéis e cortiços da área. Os ponteiros ainda não marcavam dez e meia quando Maria correspondeu ao aceno do esposo.

A mulher se apressou ao atravessar a faixa de pedestres. O semáforo nem se esverdeara para nós. Do lado de lá, o marido levantou o polegar na direção de Rafael. Mais um pequeno gesto! “E, então, se sente útil?”, retruco, esperando que o diálogo forte que a esposa se antecipava para convencer o amado a regressar ao lar fosse tão intenso como a relação que a Adesaf/DBA tem de reinserir aquela parte da comunidade que se faz fluxo no bairro de Campos Elíseos.

² Ainda em 2015, a Adesaf/DBA mudaria a sua sede administrativa para um prédio maior e mais adequado às ações de capacitação e oficinas, na Alameda Nothmann, 385, Campos Elíseos.